

Nº 199

S. Paulo, 7 de Agosto de 1915

ANNO IV

300 rs.

O PIRRALMO



NA ARENA POLITICA



A VOLTA DO PALHAÇO

A FELICIDADE

Sociedade Mutua de Peculios por NASCIMENTOS, CASAMENTOS e MORTALIDADE

Approvada e autorizada a funcionar em toda a Republica pelos decretos Ns. 10.470 e 10.706

PECULIOS PAGOS MAIS DE 350:000\$000

Todos os que se inscreverem até 31 de Dezembro de 1914, nas séries de casamento receberão os peculios *um anno* depois da inscrição.

Depois da inscrição os mutualistas podem casar quando quizerem.

Quem se inscrever nas séries de *nascimento*, até o fim do corrente anno, será chamado *10 mezes* depois da *inscrição* e receberá de *uma só vez* o peculio que lhe couber.

O nascimento pode dar-se em qualquer tempo.

Todo o socio que propuzer outro para a sua série terá a seu credito a importancia de *cinco* contribuições. Depois de completas as séries, por cada oito chamadas feitas, a sociedade dispensará as contribuições dos mutualistas para as *duas* chamadas immediatas.

Séde Social: RUA 15 DE NOVEMBRO N. 59 (sob.) - Caixa Postal, U - Telephone, 2588

— SÃO PAULO —

Das marcas mais conhecidas
São estas que causam fé:
As mais fortes, mais queridas,
São marcas *Renault e Berliet*

São os melhores da praça!
Pasmem todos! Vejam só!
Pois custam quasi de graça
Os autos *Berliet e Renault.*

Pedidos: CASA ANTUNES DOS SANTOS - Rua Direita N. 41

S. Paulo, 7 de Agosto de 1915

Numero 199

Semanario Illustrado
de Importancia

: : : : : evidente

Redação
RUA 15 DE NOVEMBRO, 50-B

Caixa do Correio, 1026



A VOLTA DO PALHAÇO

A despeito da ceceuma que se levantou ao ser propalada a noticia da candidatura Hermes, o marechal foi eleito e com muito mais razão será reeonheido.

Infelizmente vivemos num paiz em que o povo é considerado como uma entidade abstracta, que nada faz e nada pode fazer, senão seguir á risca a vontade soberana dos capatazes politieos.

Era preciso que chegassemos ao estado de pobreza moral mais degradante, para que certos factos como a eleição do Hermes, se consummassem.

E nós ehegamos a esse estado miseravel, em que tudo é treva e podridão e si alguma coisa brilha de quando em quando é o punhal do sicario assalariado pelos satrapas e si alguma coisa ferve aqui e alli é a colera insaciavel dos magnatas hediondos.

O sr. Pinheiro Machado dirige com seu relho a eainçalha miuda e a sua vontade absoluta é respeitada e seguida, os seus mais torpes caprichos são satisfeitos, as suas menores velleidades se realisam.

Ha pouco elle lembrou-se de por no Senado o seu palhaço.

Os jornaes gritaram, o povo do Rio Grande armou-se e protestou contra a ignominiosa eandidatura, mas de nada valeu e a figura truanesca do marechal ha de luzir dentro em breve na Camara Alta.



NOTA POLITICA

A ineffavel imprensa carioea, ou melhor a *Gazeta de Noticias*, a mesma folha muito sympathica que descobriu ha pouco a Allemanha Antartica, descobriu no Rio mais uma conspiração politica.

Os ex-futuros ferozes assassinos, como dirá o sr. João do Rio, estão todos presos ás ordens do chefe de Policia e o inquerito corre em segredo de justiça.

Se bem que isso a nós se nos afigure uma falta de assumpto para jornal, lamentamos que nessa frustrada conspiração estejam envolvidos nomes dignos, uma grande ideia e o exterminio do sr. Pinheiro Machado e outros ladrões da Republica, como os srs. Hermes & C.

Ha ainda nessa conspiração gorada, uma ideia em jôgo, ideia que tem tido no Brazil ultimamente preegoeiros do valor moral e intellectual desse grande vulto que é Alberto Torres.

Pelo menos essa ideia — a revisionista — devia ser respeitada pela furia escandalosa dos sympathicos reporters carioeas.

Monarchistas, innegavelmente uma grande força, parlamentaristas, socialistas, anarchistas, os opposieionistas, nunca conspiraram, muito menos, eremos nós, conspirariam os revisionistas, esse agrupamento em embryão que começa agora a medrar no terreno das ideias politicas deste «adoravel» Paiz.

Emfim, fazemos votos para que a febril reportagem da nossa sympathica collega carioea, não vá terminar as suas pesquisas, esbarrando na realidade dura das minas de diamantes

que o Dr. Souza e Silva possui, na Bahia.

Nesse dia proclamaremos o sr. Souza e Silva, conspirador pavoroso contra o uberrimo solo da terra do vatapá.

E viva a conspiração!

D.

COISAS DE ARTE

Sobre coisas de arte, temos hoje uma grata noticia a dar aos nossos leitores: é que fomos visitar o *studio* do sr. Julio Starace, distincto esculptor italiano, já bastante conhecido e admirado em S. Paulo, pelas suas raras qualidades de artista. Até aqui, nada de mais. O que nos surpreendeu porem foi o facto de lá encontrarmos Starace ás voltas com um trabalho tremendo já todo encomendado: nada mais nada menos do que cincoenta pequenos bustos do santo velhinho Padre Chieco fundidos em bronze, encomendados por distinctas familias, alto clero e outros admiradores do glorioso velhinho que passou pela vida praticando o Bem, difundindo a Bondade.

A obra de Starace, é uma maravilha. Cada busto é um mimo. Aliás isso não nos surpreende, por que já conhecemos como o publico tambem, a obra do esculptor italiano que figura no jardim do Seminario Episcopal.

Sabemos que diversas familias desta capital vão ainda adquirir bustos do padre Chieco, rendendo-lhe assim a homenagem eterna da saudade, perpetuada na eternidade do bronze. Tão

INDAR 9 PRAT. C
EST. 2 N.º de ORD.

querido foi e é o Padre Chico em S. Paulo, que prevemos que tão cedo não deseasse o sympathico Julio Starace.

WASHT RODRIGUES

Está figurando no *salon* do Rio, sabemos que com muito successo, tendo apresentado optimos trabalhos, o distincto pintor paulista cujo nome epigrapha estas linhas, até bem pouco tempo um dos pensionistas do Estado em Paris.

Não nos surprehe de isso, dado o valor que reconhecemos em Washt Rodrigues, imogavelmente o mais operoso de todos os nossos novos artistas.

Em Paris elle figurou no *Salon* e dos pensionistas do Estado foi o unico que conseguiu operar esse prodigio, pois ninguem ignora quaes as difficuldades que um estrangeiro deve vencer para ter a honra de obter um lugar no *Salon*.

Os nossos parabens ao Washt e ao Estado de São Paulo.

Os nossos instantaneos



No triangulo

AS CARTAS D'ABAX'O O PIQUES

O minho cuntrato di ingazamento.



A rispetto do minho ingazamento, o numero passato fiquemos naquillo ponto que io scrivi una brutta lettera p'ra Marietta, apidino as mó della ingazamente. Oggi tenho maise una purçó di robba p'ra cuntá. In primiere lugáro a risposta da Marietta. Era terçaffera. Io tigna cabado di giantá i stava nu migno saló, fumáno un xaruto to-c.no infarsifigato i pensáno nos amore, quando un mensagere intró i mi intregó una lettera gôr de rosa come una moranga, i xirosa piore du Hermeze; assi che io spió a lettra adiscobri lôgo chi éra da Marietta. Uh! mamma mia! che gomoçó!... O migno goraçó pigó di batê come se tenia una vacca braba curréno atraiz di mim. Intó io abri ella i li così:

*Lustrissimo Sig. Juó Bananére
Cav. Uff.*

Aricibi a sua lettera do signore, mi apidino as migna mó in gazamente, i tegno o prazere di acunicá p'ru signore che non quero. Non quero pur causa che o signore é veglio piore da séde-braga, e viuvo xiiguo di figlio i alé di tuttos istus mutive o signor è també un çacino molto perigoloso chi amató cuvardeamente a goitadigna da Juóquina. Só giovane e bunita i è só io querê che io si gazo con un rapaze molto maise indecente do signore. Alé disso non quero tê o mesimo fi da infelize Juóquina.

Só, c'oa stima da gunsideraçó a griata obra

Marietta.

Io xurê di dolore quano li ista lettera d'aquilla ingratta i o migno goraçó incominció di dá tamagnos pulo

che io tive di si incostá nas parede di paúra che illo pulava. p'ra fóra.

Apassado os primiere momente io piguê di arreflettí i arrisorvi di i a parlá pissoarmente c'oa Marietta. Intó piguê o bondi, amuntê n'elli i fui. Xiguê lá, batti i ella mandô dizê que non stava, ma io che non só troxa fui intráno i incontré ella inda a sala. Assi que illa mi vi tive una incongestó cerebrale; aóra io agiuguê un gopo d'acqua ingoppa da a gara della i mediatamente illa saró. Intó io piguê i dissi:

— Çellentissima signora dona Marietta! Fui a signora che mi scrivê una le tera dizéno chi non quiria si gazá cumigo pur causa che io era un çacino, veglio, ecc., ecc.

— Fui si signore! Io non quero si gazá co signore pur causa che io tegno paúra che o signore mi faccia p'ra mim come fiz p'ra Juóquina.

— Si é só istu, intó podi si gazá cumigo perchê io giuro che non ti amato! Giuro pur Deuse! Quero amurrê agurigna mesimo c'un raio inzima da a gabeza se io ti amatá.

— Non vó nisso!

Giuro p'ra arma du migno páio.

— Não credito nus uómo!

— Intó non quere mesimo si gazá cumigo?

Non quero!

Aóra io piguê o rivórvero, butê na gara della i dissi:

— Tê treiz minuto p'ra dizê quero! si dizê «non quero» io ti amato.

Illa ficô branga piore d'un p'daço di papele. Io cumecê a cuntá:— Un minuto!..... Duos minuto!..... i... i.....

Aóra illa deu un brutto gritto:

— Quero!

Intó io guardê o rivórvero, abraçé ella i pronto.

O ingazamento che sará na quinta-feira tê come padrigno o Cesara Gapivara i a madrigna tê di sê o Xiquigno.

Tuttos inleitore stó cunvidado p'ra sapiá.

JUÓ BANANÉRE.

GRAPHOLOGIA

Nadyá

Intelligentíssimo, vocação artística. Vontade fraca, inconstante. Impressões nervosas e impaciente. Emprehe e não termina. Não gosta de esperar, tem a ruania da grandeza, da ostentação.

Faculdade assimiladora. Tem um mixto de generosidade e bondade.

Adamá

Meiguice e carinho. Extrema bondade. Harmonia e arte. Adora a musica. Sensibilidade nervosa. Muito inteligente. Muita habilidade. Lagrimas e tristezas. Adora as viagens. Nostalgia doentia. Tem verdadeiro entusiasmo pelas artes em geral. Estetica. Vontade duvidosa e fraca. Não persevera.

Severino

Temperamento docil. Inteligente, franqueza e lealdade. Harmonia e methodo. Estetica e habilidade. Nenhuma noção de economia adaptavel a diversus profissões. Não tem perseverança nem tenacidade.

É altivo, amor proprio, susceptibilidade. Tem impressões e emotividade.

Maria Luiza

Methodo, bondade e fidelidade. Inteligente, com grande revelação de gosto e arte. Franca, sincera, muita meiguice e carinho. Aspirações, elevação e maneiras distinctas.

Constantinus

Análise e methodo. Observador. Senso critico e artistico. Muita vontade e perseverança. Verdadeira vocação artistica. Inteligencia potencial, assimilando parcialmente. Tem dominio em seos actos.

HENRIQUE SILVA

Endereçar as cartas á redacção do *Pirralho*, secção Graphologia, Caixa 1026.

PRIMEIROS POEMAS

DE

HEITOR LIMA

A' venda na

CASA GARRAUX

OS BARQUINHOS

Quando a chuva cessava e um vento fino
franzia a tarde timida e lavada,
eu sahia a brincar pela calçada,
nos meus tempos felizes de menino.

Fazia, de papel, toda uma armada
e, extendendo meu braço pequenino,
eu soltava os barquinhos, sem destino,
ao longo das sargêtas, na enxurrada...

Fiquei moço. E hoje eu sei, pensando nelles,
que não são barcos d'oiro os ideaes:
são feitos de papel, são como aquelles,

perfeitamente, exactamente eguaes...
— Que os meus barquinhos, lá se foram elles,
foram-se embora e não voltaram mais!

G. DE ANDRADE E ALMEIDA



“Pirralho” Carteiro



Mr. Zoroastro: Infelizmente não pode ser assim. Se quiser de outra maneira, pode procurar-nos que será atendido.

Saturnino Barbosa: Os seus versos foram julgados muito maos e por isso foram para a cêsta.

Fagundes & C.ª: A sua firma poetica não deu resultado.

M.ª Fulaninha: Só? Pode ser.

M.ª Ninette: Sonhei hontem a noite toda contigo. Tenho immensas saudades das tuas cartas encolerizadas. No proximo numero sahirá um instantaneo teu. Adeus.

Ninon: Então? Que é feito de ti?

Dolly: Idem, idem, na mesma data.

M.ª Amélia: Sim, amanhã na missa. É só.

Paulo Vaz: Pode procurar-nos.

Mr. Zeferino Góes: Agora, temos já um outro. Chegou tarde o seu pedido.

AZAMBUJA... Administrador

“Pirralho” Sportman

Foot-Ball

Palmeiras versus Ipyranga

Esteve bastante conecorrido o match de domingo passado.

O primeiro tempo correu bastante animado mantendo-se o jogo em equilibrio.

Até ahí morreu o Neves.

No segundo tempo é que foi a enerenea! O Ipyranga entrou como uma féra p'ra cima dos «Coquinhos» e foi então uma verdadeira tourada em Sevilha. Tombo, sandwiche, pé toreido, off-side, goals annullados, panalties, etc., etc. Foi tamanho o embrulho que não conseguimos saber quem ganhou: si o Palmeiras por 3 a 2, si o Ipyranga por 4 a 3.

— Para amanhã annuncia-se o encontro entre São Bento e Wanderers.

Mario Alves, o sympathico o querido redactor politico do «Correio da Manhã», acaba de receber de seus collegas uma significativa demonstração da sua profunda estima, por motivo da nova posição do vigoroso jornalista, a quem foi confiado o cargo de official de gabinete do sr. ministro da Agricultura. Essa prova do cordeal amizade, concretizou-se num opiparo banquete de que toda a imprensa carioca se occupou largamente.

O Pirralho... no Rio, apesar de ter tomado parte no festim, quer agora repetir a Mario Alves, deste obscuro cantinho, que a velha e fraternal amizade do antigo companheiro de revisão não teve solução de continuidade, do mesmo modo que tambem não augmentou com a sua investidura no cargo de representação com que o distinguio a honrosa confiança do eminente e illustre Dr. José Bezerra...

“Pirralho” no Rio

O HERMES DE MATTO GROSSO

«Está eleito presidente do Estado de Matto Grosso o general Caetano de Albuquerque.»

Dos jornaes.



«Eu sou um paradoxo vivo e ambulante»...
— Qual nada! Você é simplesmente «o tenente Gentil Falcão promovido a general por actos de bravura contra a grammatica»...



Os nossos instantaneos



Suelto. — A horrivel tragedia que se desenvolveu no Rio, ocasionando a morte do Barão de Werther, teve a sua repercussão em S. Paulo, de uma maneira bem desastrada...

Um vespertino paulista, descobriu nada mais nada menos do que isto: o barão de Werther era espião allemã; isso, por que partiu para a guerra e de lá voltou. Achamos espantosa essa falta de respeito á memoria de quem tombou numa luta medieval, amparado pela lei do paiz, levado pelo sentimento respeitabilissimo de pae, cuja posse dos filhos lhe era assegurada pelo seu coração amantissimo e pelos accordanos do Tribunal Federal.

Lastimamos por isso, que a folha paulista assacasse á memoria do barão de Werther, essa feia qualidade de espião, pelo simples facto de ser o genro de Rio Branco um subdito allemão.

Lembre-se o sympathico collega, que o sr. de Werther ganhou uma acção de divoreio num Paiz que não era o seu, onde foi considerada «conjuge faltosa» a filha de um grande vulto politico e real influencia no Brasil, que era o Barão do Rio Branco.

Por isso mesmo lastimamos os excessos do vespertino e achando que merecia bem mais respeito a memoria de quem tombou, estupidamente assassinado por quem estava contra a lei.

“PIRRALHO SOCIAL”



Começa a reviver na alma do nosso povo aquelle enthusiasmo de mezes atrás pelas festas chics e rendez-vous elegantes. Ocorreu da Avenida

da Paulista, realizado domingo ultimo esteve magnifico, e pela grande via publica era enorme o movimento de bellissimos autos e tambem de pedestres, apresentando um aspecto animador a Avenida toda. Os lugares de diversões publicas estiveram animadissimos. As casas de chá, no sabbado, estiveram repletas de familias, e a *hour-tea* da Casa Branca muito concorrida.

O triangulo central movimentou-se, á tarde, e grande numero de moças *chics* vieram para o centro *fazer a Avenida*, como diria um chronista carioca.

Emfim, tudo isso já é alguma coisa de consolador... Parece que esse phantasma da crise vae se esbatendo aos poucos, e nessa proporção tambem vae crescendo o enthusiasmo do nosso povo pelas cousas *chics*. Antes assim...



A «Revista da Semana», que se publica no Rio de Janeiro, abriu interessante *enquête* para

ser respondida pelas moças cariocas. Trata-se de saber o seguinte: «Si amou, porque deixou de amar?» Ahí está uma these que daria margem para

as respostas mais originaes possiveis! A revista referida têm sido enviadas optimas respostas, que são ao mesmo tempo boa lição para quem ama, e que,

por isso mesmo devem ser meditadas por todos aquelles que ainda Cupido atormenta, com o vibrar das suas trahiçoeris settas.

Um leitor da *Revista* enviou a seguinte interessantissima resposta:

«Amei porque pensei encontrar no amor alguma suavidade que amainasse o profundo e cruciante soffrimento em que jazia immerso — o isolamento.

Deixei de amar por não ter, nessa minha peregrinação ingloria, encontrado um só coração que vicejasse outra cousa a não ser hypocrisia e deslealdade.» Boa lição, não ha duvida... O leitor da *Revista*, nesse ponto, tem «um saber, só de experiencias feito»...



Consta que a directoria do Club Concordia está envidando esforços no sentido de promover para Setembro proximo, um grande baile, em beneficio das victimas da sêcca do Norte.

A confirmar-se a noticia, é para se dar parabens aos directores da fina associação, que, num gesto rasgado de generosidade, levarão a effeito uma festa, que tem um duplo fim: satisfazer com um obulo, o cumprimento de um dever, e com uma festa elegante, a Paulicéa *chic* que anciosamente espera o baile do Concordia.

Os nossos instantaneos



ALMAS E COISAS

“PRIMEIROS POEMAS” de Heitor Lima

Ha muito que não apparecia no Rio um livro como o de Heitor Lima.

Os poetas da nova geração, os que com a bocca cheia se dizem symbolistas, discipulos de Rodenbach, Samin, Rimbaud e não sei mais quem, encheram a nossa poesia de zumbidos de cigarras e outras babozeiras e, versificando sem nenhuma grandeza de inspiração ou sentimento, abarroçaram o mercado literario de livrecos, que, melhor seria, ficassem para sempre no fundo de uma gaveta.

Onde está a verdade, a sinceridade dos que cantam, numa enervante molleza de tropical, a quietude dos canaes e o girar lento e monotono das redas de moinhos?

Imitem Rodenbach, Regnier e mais o diabo, mas não transplantem para a nossa poesia coisas que não temos, imagens que a nossa natureza não póde suggerir, paysagens que não são nossas e subretudo pensamentos que não teem, emoções que não podem sentir.

Não pensem que a nota angustiosa e querula de que são repasados os versos do autor de *Bruges la morte* e *Le Règne du Silence* seja uma coisa fingida e procurada, e não a expressão de seu sentimento, fructo de uma imaginação doentia e de um coração batido.

Dimanche, c'était jour de lentes promenades
Par de quais endormis, de vastes esplanades,
Au long d'un mur d'hospice, au long d'un canal mort
Où le brouillard, á peine une heure, se dissipe...
Dimanche! ah! quel silence! Et l'âme qui se fripe
A tout ce petit vent acidulé du nord!
Silence du dimanche autour du Séminaire

Os nossos instantaneos



Mlle. naquelle reunião, foi muito feliz na escolha das poesias que recitou, com grande sentimento e admiravel graça. Mlle. queria, de qualquer modo, ferir alguém que a um canto da sala, olhava a de quando em vez, indifferentemente, deliciando-se com a leitura de uma revista. Acedendo então a um pedido que lhe fizeram, mlle. recita primeiro a primorosa poesia de Bilac:

«Ficas a um canto da sala

«Finges que lês...

Depois, como insistissem para que mlle. recitasse ainda outra poesia, mlle. que decorara um dia antes uma optima produção de Heitor Lima, começa:

«Não creio em ti...

«Não creio em teu amor...

Mr. de facto, chocou-se muito com aquillo e viu que mlle. o que desejava era ferir-o,

em pleno coração. Levanta-se então para recitar (era a resposta talvez.) Mas era tarde. Mlle. estava vingada.



Mlle. não sabe mentir. Si soubesse, não enrubesceria quando mr. lhe perguntou si de facto mlle. tinha ido á missa de domingo, na igreja de S. Bento. Mr. percebeu logo que mlle. dormira de mais, preferindo a adoração de sua imagem predilecta, no baile da vespera, até pela madrugada, do que a adoração das santas imagens da igreja de S. Bento, e o sacrificio da missa. E' que mlle. não sabe mentir. Si soubesse não teria enrubecido...



Sabbado. Na Casa Branca. Quatro e meia da tarde. A concorrença é enorme. Os elegantes se espalham pelas mesas. Entrámos. A um canto, mr., acompanhado de duas senhoritas, palestra suas coisas.

— Que quer tomar, senhorita?...

— Eu? Chá com biscoitos...

— E a senhora, de que se serve?

— Venha um sorvete.

— Para mim, diz mr., meio fervido-frio.

E começou a servir-se, minutos depois, sem interromper a palestra.

A hora do pagamento chegou. A moça vem receber o quantum da despeza feita. Mr. põe a mão no bolso, tira carteira, abre-a... e oh! Deus de Misericordia!... nem um real...

O momento é angustioso. Mlles ficam vermelhinhas como pitangas. Mr. torna-se livido, e balbucia uma desculpa. O escandalo estava dado.

— Não faz mal, cavalheiro, diz a moça, o sr. paga depois...

E continua o escandalo. Mr. levanta, mlles. também, e pelo caminho mr. vae pallido de raiva, damnado com o esquecimento das notas, que estão ainda dormindo precioso somno no bolso... de quem? Não terá talvez na carteira de nenhum leitor... Nem na nossa...



Com a gentilissima mlle. Maria Zenaide Arantes, filha do sr. Aristides Arantes Marques e exma. snra. d. Augusta Arantes Machado, acaba de contractar casamento, em

Os nossos instantaneos



Et silence partout Place de l'Evêché
Ou divaguait parfois le bruit endimanehé
D'une cloche très vieille et valétudinaire

E elles também, os nossos barulhentos poetas, que vivem nos cafés e nos elubs, nos theatros e nos bars, fingem-se monges expulsos do mundo e cantam o silencio, com uma ingenuidade de creanças...

«Que sabem esses rapazolas aos 20 annos, dizia Fialho satyri-zando os decadistas de Portugal, com meçadas de familia, cava-queira amena nas republicas escolasticas da alta, tricanas prestes, paysagens remançosas, limpidos ceus, horizontes musicaes, e por toda a parte promessas de fortuna e silhuetas de salgueiros e monumentos historicos, que as balladas do rio melancholisam, as guitarras e as troças juvenesecem d'um evolhé de vida imberbe — que sabem elles da grande vida martyrisante dos que não podem voar por ter de pôr todos os dias a panella ao lume, e dos que tendo-se feito um nome, rebentam de martyrio ignorado para o levarem intacto té ao frontespicio d'um livro original?

Os nossos também não sabem nada disso e teem apenas o irritante sestro de imitar e copiar, como si a factura de uma poesia fosse qual a de um requerimento, enja norma inveterada e immutavel, se traslada ad litteram...

E', portanto, summamente delicioso quando em meio a esses rebotalhos de literatura sem significação, surge em todo o esplendor da sua verdade e belleza um livro como o de Heitor Lima, em que palpita a alma de um poeta e se mostra o espirito b.ilhante de um artista.



Heitor Lima é sobretudo um grande poeta lyrico. Como são emotivos os seus versos, de quanta delicadeza e eneanito elles se revestem!

Lêde, por exemplo, as *Estancias Romanticas*:

Não creio em ti, não creio em teu olhar, não creio
Na graça matinal que em teu labio sorri,
Não creio em tua voz que as angustias acalma,
Não creio na emoção que palpita em teu seio,
Não creio em teu amor, não creio na tua alma,
Não creio em ti.

Mal beija a areia, a vaga esmoreee e reeva,
Mal toca a flôr, procura a abelha uma outra flôr,
Mal colhe a folha, ao pó da estrada o vento a lega,
Mal se mira no lago, esmaia e foge a lua,
Mal te acereas de mim, de mim te afastas, cega
A' minha dôr.

Piracicaba, o nosso prosado e muito distincto amigo dr. José Arantes Junqueira. A noiva é uma prenda da moça, de educação aprimorada, dotada de qualidades preciosissimas de coração e intelligencia. O noivo, o nosso caro Zezé, é uma bellissima alma, cheia dos melhores sentimentos, e um espirito de elevada cultura, um estudioso a toda prova, habituado ao amanho diuturno dos livros.

O «Pirralho» e todos os amigos do Zezé, lhe almejam a maior das felicidades, ao

mesmo tempo que lhe enviam um bem apor-tado e fraternal amplexo.



E' amanhã que se realisa, no salão do Club Germania, a *matinée* promovida por uma distincta comissão de rapazes da nossa melhor sociedade, em beneficio dos nossos irmãos do Norte, tão cruelmente flagellados pela sécca.

A festa, pelo vivo interesse que despertou nas nossas boas rodas, e pelo seu fim altamente caritativo, promette ser das mais brillantes. Haverá um saraú literario musical, nelle tomando parte elementos de valor.

Distinctas mlls. dirão poesias dos nossos melhores autores, e um conhecido poeta deliciará a assistencia com uma conferencia.

Em seguida, começarão as dancas, e, á noite será servido o chá.

Por tudo isso se vê que será uma optima festa, a de amanhã. A comissão esta assim constituída:

Mrs.: dr. Armando Ferreira da Rosa, dr. Luiz Paranaguá, dr. Henrique Bayma, dr. Theodureto de Carvalho, dr. José Rubião, dr. Julio de Mesquita Filho e Guilherme Villares.



Esteve alguns dias em S. Paulo e deu-me diariamente o prazer da sua visita, o distincto advogado e jornalista carioca Dr. Ferreira de Vasconcellos, nosso companheiro dedicadissimo, na direcção da secção *Pirralho*... no Rio, que com tanto successo vimos mantendo ha quasi um anno.

Ao Vasconcellos bons votos de felicidade e, breve regresso.

RUY BLAS

A vol d'oiseau

No meio da injustificavel e pouco comprehensivel insociabilidade paulistana, tres ou quatro castas distinctas conseguiram medrar organisando-se em blocos pouco compactos que, de vez em vez, fingem activa e intensa vida mundana. Pura e simples apparencia, infelizmente. Ainda não ha recepções e visitas regulares, tudo esporadico, e os proprios balles vêm justamente demonstrar a nossa falta de sociabilidade. Ursos que se reúnem, si me permitem a expressão.

Estabeleceram um curso na Avenida Paulista ás quintas e domingos e uma visita á cidade e casas de chá ás quartas e sabbados afóra os cinemas quasi livres, as corridas de cavallos, e os matches de foot-ball, e uma vez na vida e outra na morte, o theatro lyrico.

Mas no meio de tudo isso apenas se nota a egoistica e acaiprada vida de isolamento. Todo o mundo se cumpimenta com ares de quem cumpre um dever incommodo e desagradavel.

Espiam-se muito, como devem espionar-se allemães e francezes, de suas trincheiras.

Em todo o mundo civilizado taes «rendez-vous» de alta elegancia são

Os nossos instantaneos



Não póde crer na vaga a espumejante areia,
Não póde crer na abelha a flôr que vai murchar,
Não póde crer no vento a folha do caminho,
Não póde o lago crer na lua que o prateia
E eu já não posso crer no céu do teu carinho,
A meu pezar.

Porque, porém, a areia ama a onda que se esquivava?
Porque a flor ama a abelha insaciavel e má?
Porque a folha ama o vento a aflar de ramo em ramo?
Porque o lago ama a lua errante e fugitiva?
E porque, mas porque, no fundo da alma eu te amo?
Porque será?

E' que o amor só conhece a logica do absurdo;
Transforma o céu da paz no inferno da afflicção;
Quanto mais soffre, mais a dôr provoca e aviva;
Quer, mais rejeita; dá, mais nega; escuta, e é surdo,
Ou, se recebe um — sim — suspeita a affirmativa
E entende um — não.

Vive na ancia de obter a explicação de tudo
E quer ter sempre algum mysterio a decifrar:
Não sabe porque ri, não sabe porque ohora;

Quer calar, e é expansão; quer confessar-se, e é mudo;
E treme ao sol, e sonda a treva em plena aurora,
E ferve ao luar.

E' de contradicções que se fórma a cadeia
Com que as almas o amor á escravidão reduz;
Se alguém chora de amor, o amor lhe enxuga o pranto,
E ao mesmo tempo eleva e humilha, ouisa e receia,
E o anhelô de soffrer que o diviniza é tanto
Que abraça a cruz.

Amar... Seguir um bem que illude, mas dissuade;
Sucumbir, renascer, para a consumição;
Sentir, dentro da patria, as penas do degredo,
Soffrer, dentro do sonho, as crises da saudade!
Estrangular a dôr estuante, no segredo
Do coração.

Tens olhos mentem, mente a tua face calma,
Mente a graça sem par que em teu labio sorri,
Mente o aroma fatal do teu halito quente,
Mente a a flama-dê amor que electriza tua alma,
Mente ten cbração, — sei que em, ti, tudo mente —
Mas crio em ti.

motivos de alegria, de palestras amáveis, cumprimentos prazenteiros, manifestações de cordialidade.

Aqui não. Por toda a parte, por todos os cantos paira um ar funebre de desconfiança e hostilidade, de tédio e constrangimento.

Não raro o curso toma o aspecto severo de um grande acompanhamento funebre, tal a gravidade de todas as phisonomias e a sobriedade estudada e postiga dos gestos.

Nos theatros ninguem se visita nos intervallos, o «foyer» fica deserto, todos têm medo de rir ou applaudir é os proprios cavalheiros sahem «gaulchement» da platéa. Tudo estatico e mudo como um colossal theatro João minhoca.

Nos bailes dança a miudalha e os outros espiam, serios como si assistissem á adoração de algum milagroso bezerro de oiro.

Apenas nas praias, a bordo e na Europa é que desaparecem a carranca, o enfado, o aborrecimento da nossa gente de alta sociedade.

Sim, isso tudo são manifestações oriundas do escol da sociedade, da casta privilegiada.

E o exemplo mau trasmitte-se ás demais castas.

E' verdade que a «elite» soffre uma divisão bem caracteristica: os conservadores e os reformistas ou liberaes.

Frequentam todos os mesmos logares separando-os porem uma verdadeira muralha chinesa.

Os liberaes são ultra-parisienses mas dentro do sub-bloco que formaram.

Adoram o «flirt», (que é o calote em amor, a letra aceita e não paga), não perdem cinemas e operetas e missas chics onde ninguem resa, dansam o tango com todos os seus requebros afrodisiacos, acompanham «ipsis literis» os caprichos e extremos da moda, e acham deliciosos certos equívocos, provocados nas ruas graças as «tapagé» das «toilettes dernier cri.»

Já os conservadores, que são mais numerosos, e por sua vez subdivididos em varios grupos, não estadeiam o «flirt» considerando-o privilegio exclusivo das «demoiselles», moderam os exaggeros da moda e, parece procuram alardear pudicicia a ponto de evitar saudações nas ruas! Eis ahi.

Os homens, porem, de ambos os grupos da casta primeira, da elite, do escol, da nata, vivem na mais perfeita communhão de ideias em relação a umas tantas cousas. Todos elles são partidarios da polygamia, frequentam os mesmos cabarets, os mesmos clubs, sendo que os conservadores, «par dessus le marché» são terrivelmente ciumentos.

Não é sem razão que os senhores estrangeiros, que nos conhecem, las-

timam sinceramente a vida da mulher casada em S. Paulo.

Aqui as mulheres só tem obrigações, os maridos só direitos!

No proximo numero continuaremos.

FLORETTE PATAPON

Os nossos instantaneos



Como o poeta soube definir admiravelmente esse estado da alma, que chora e canta, que soffre e abraça o soffrimento, que repudia e ama, que duvida e cré.

E em todas as demais poesias lyricas do livro perpassa a mesma emoção, affirma-se a mesma belleza, palpita a mesma alma de um grande poeta.

Heitor Lima não vae buscar sensações extravagantes, não sonha bizarrices estultas, mas diz o que sente e o que pensa e fal-o com o primor de um artista de escol.

Vêde o soneto *Cinzas*; como é bem acabado, como reluz e toma vulto dentro de uma forma aprimorada e escorreita, uma idea velha e banal.

CINZAS

A ultima braza ardeu na cinza adusta:
Tudo passou, tudo se fez em poeira...
E na minha alma, que o abandono assusta,
Morre a luz da esperanza derradeira.

O amor mais casto, a aspiração mais justa
Têm a desillusão para fronteira...
Um momento de-sonho ás vezes custa
O sacrificio da existencia inteira!

Chama ephemera, o amor! Baldado surto,
A gloria! Ah! coração mesquinho e raso...
Ah! pensamento presumido e curto...

E o amor, que arrasta, e a gloria, que fascina,
— Tudo se perderá no mesmo occaso
E se confundirá na mesma ruina.

Mas Heitor Lima é tambem um poeta de ideas e, si bem que para mim menos apreciavel sob este ponto de vista, em nada desmerece o autor a parte não lyrica do livro.

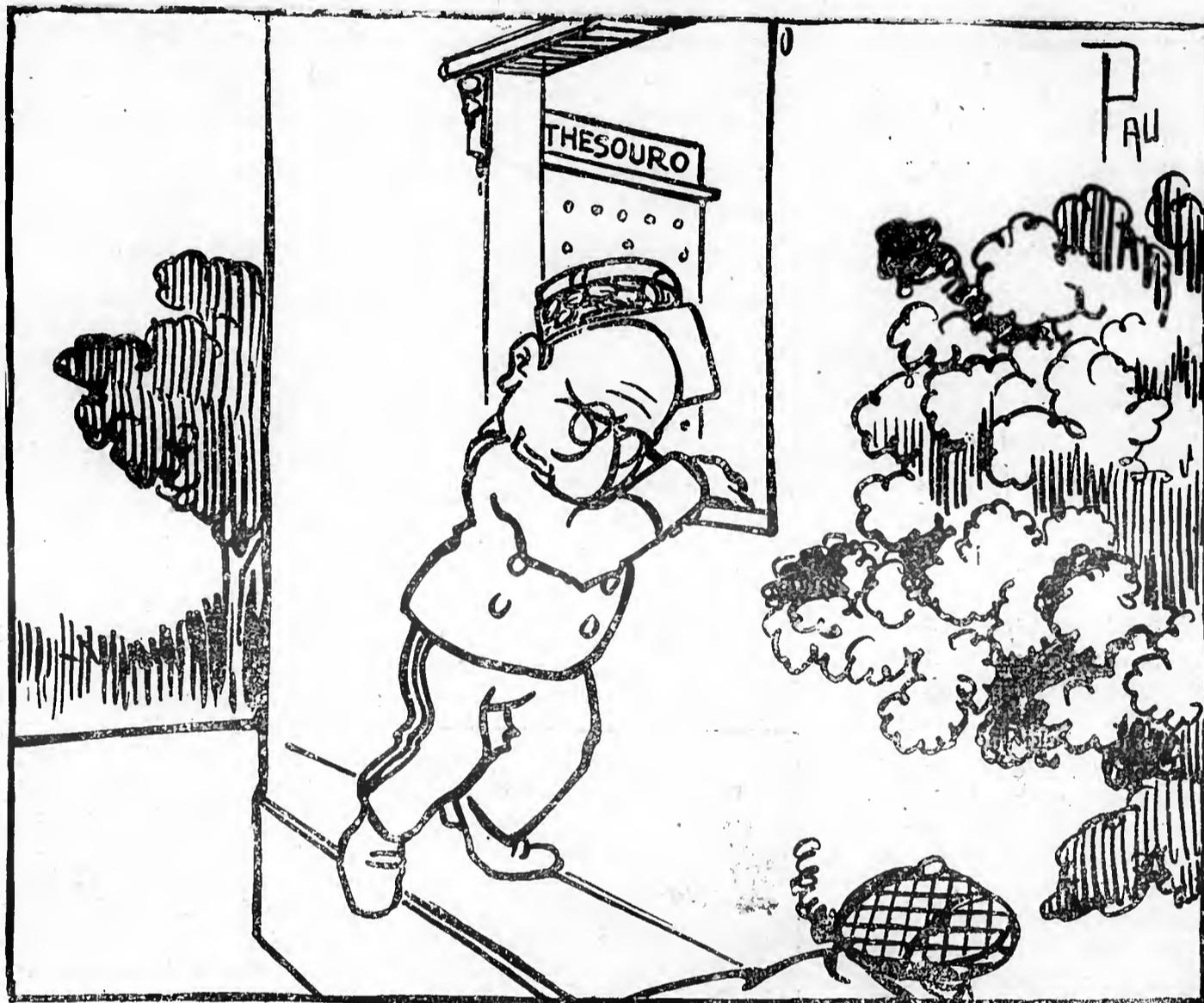
Ha até entre as produções objectivas algumas magnificamente trabalhadas, como *A Arvore* e *Em face do infinito*, que qualquer parnasiano por mais caprichoso que fosse assignaria com prazer.

Emfim os «Primeiros Poemas» vieram consagrar definitivamente o talento de Heitor Lima e marcar no actual momento de estagnação literaria o inicio de uma era de luz na poesia da nova geração.

ANTONIO DEFINE.



O HERMES SENADOR



A honestidade do marechal fazia jus a uma cadeira no Senado

UGO AZZOLINI

em casa e a domicilio

ENSINA PIANO PELO METHODO PROPRIO

Systema rapido e progressivo

Rua São José N. 113-A

VILLA CERQUEIRA CESAR



Drs.

Antonio Define

Raul Corrêa da Silva

— e —

Dolor Brito Franco

ADVOGADOS

Rua 15 de Novembro, 50-B - (Sala 7)

ATTENDEM DAS 12 AS 15

Papelaria Define

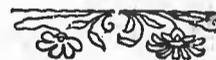
DEFINE & COMP.

RUA FLORENCIO DE ABREU, 88

— Officinas e Deposito N. 70 —

Telefone, 642 —<— Caixa, 544

S. PAULO



que
des-
ente
quer
er.
tiva-
o de
nova.
VINE.

© Pirralho... no Rio

Anno I

RIO DE JANEIRO, Sabbado 7 de Agosto de 1915

N. XXVII

O estado actual das letras no Rio de Janeiro

Em que se occupam os intellectuaes cariocas

“O Pirralho... no Rio” ouve os expoentes da nossa cultura litteraria

Respondem Domingos Magariños e Paulo de Gardenia

1.º Que diz do estado actual das letras no Rio?

2.º Tem obra escripta ou a sahir?

3.º Pode dizer-nos algo sobre seus novos livros e sobres seus projectos?

Estrangeiro em Pekin, ouço dizer que existe, no interior de um templo vedado aos profanos, pagode de porcellana onde só penetram bonzos de uma iniciação especial, o Budha a que, na primeira pergunta se dá o modernissimo nome de letras no Rio.

Ouçõ dizer que, de facto, existe, faz milagres e dispõe de um poder verdadeiramente sobrenatural.

Si são verdadeiras essas affirmativas, si é real essa existencia não posso garantir-o; a porta desse pagode sempre fechada á curiosidade dos impios, ainda não me permittiu enxergar o mysterioso symbolo.

Pelas obras, entretanto, attribuidas a esse Budha chego a pensar que não passa de uma dessas *blagues* ao alcance dos Confucios, dos Comtes e de todos os *pagés* apregoadores de antigas e novas religiões.

E' uma fieção, uma fantasia existente apenas na cabeça dos bonzos, os unicos que, realmente, existem. E, como existir esse Budha si faltam no Rio, como no paiz inteiro, o barro ou o kaolin, o granito ou o bronze, a materia prima, em summa, necessaria a sua cyclopica e artistica fabricação?

Os proprios bonzos mais sinceros, mais competentes e mais interessados na factura do idolo confessam que a «hesitação e a duvida da raça ainda não formada, a falta de instrucção



litteraria, scientifica e professional e da educação moral; uma desorganisação completa, em que ha o naufragio do character, etc.» são as côres negras do grande quadro triste que o Budha symbolisa.

Bem sei que, alguns por uma vaidade allucinante e outros por uma exhibição inconfessavel, garantem o contrario e juram que viram com os olhos e tocaram com os dedos á esttua exotica.

Mas, isto é assim mesmo; em todos os tempos os cultos sempre tiveram essas duas feições: uma subjectiva e outra objectiva, uma espiritual e outra exclusivamente pratica.

Os que assim procedem constituem, justamente, a legião dos rheumaticos, dos ankylosados, dos paralyticos, dos mutilados que, como os romeiros em busca dos beneficios das aguas bentas de Lourdes, se servem deste recurso para penetrarem clandestinamente o mysterio do pagode e lograrem a milagrosa cura de suas deformidades.

Affirmam o dogma da existencia do manipanço, mas, á excepção dos allucinados pela vaidade, sabem muito bem que desgraçadamente o Budha não existe e que para concretisar a sua realidade seria mister un continuo e perseverante esforço, nada menos que este *insignificante* trabalho: nacionalisação, civilisação e organisação deste pobre paiz.

Peço, portanto, que me relevem deixar sem resposta a primeira pergunta; não posso falar conscientemente de uma coisa que não existe.

Quanto ás outras duas limito-me a confessar que publiquei tres livros de versos, escrevi e vi representadas umas dez peças e que, sem fazer reclames futuras, pretendo, se Deus não mandar o contrario, continuar o mesmo caminho só e despretenciosamente.

DOMINGOS MAGARIÑOS.



Rio - 10 - 7 - 1915.

Meu caro amigo

Pede-me V., delicadamente, a minha opinião sobre o *estado actual das letras brasileiras*. É difficil responder. Ninguém é menos capaz e competente para julgar da litteratura de sua geração do que um litterato. Ha uma tal serie de pequenas conveniencias, um tão grande numero de entraves insignificantes, de obstaculosinhos, de vaidades, de ambições e de amor-proprio em jogo, que é impossivel dizer, com sinceridade e sem temor, o que pensamos das letras.

Eu, por exemplo, nunca direi, personalizando, o que penso das produções dos jovens escriptores do meu paiz. Seria, por certo, arranjar em cada um, um inimigo. Em these, porém, e certo de que a minha opinião terá o valor transitorio e ligeiro de uma espuma a mais no dorso crespo do mar, poderei, si V. quizer, na amistosa tagarelice destas linhas, trocar algumas idcas comsigo, despreocupadamente, como se estivessemos na *Cavé* ou na *Colombo*, diante de uma taça de chá ou de um aperitivo elegante.

Conversemos, pois. Eu acho bôa, não será mesmo exagero dizer que acho optima, no ponto de vista numerico, a situação actual das letras brasileiras. A geração que nasceu com a Republica, preocupada em aprender a vestir-se, a perfumar-se, a pôr bem a gravata e bem falar o francez, esqueceu-se, ligeiramente duma coisa — aliás muito dispensavel nos tempos que correm — esqueceu-se de aprender a lêr. Mas não se julgue que, pelo facto de ignorar esta coisa irritante e perfeitamente inutil que é a grammatica, os brilhantes, jovens e geniaes cavalheiros da minha geração, odiassem a litteratura... Não. Antes pelo contrario ninguém mais do que elles a amam e a cultivam, com requintes e carinhos especiaes. Os escriptores multiplicaram-se, proliferando vastamente em conferencistas, *conteurs*, romancistas e dramaturgos. E tantos poetas appareceram nos ultimos tempos que o Brazil dá a ideia de um Parnaso immenso, com um Pégaso esgroviado, esquelletico,

quasi moribundo sob o peso immenso e lamentavel de dez mill.ões de poetas! É animador!

Todo o mundo no Brazil é poeta, meu caro amigo. Como quer v. que a litteratura de um paiz assim tão fertil não esteja floreseente, mais viva e mais vigorosa do que nunca...

Agora si v. me perguntar do valor destas produções eu poderia dizer coisas bem diferentes... Todos nós sabemos que o valor de uma litteratura não está no numero. George Ohnet escreveu tres duzias de romances e é perfeitamente illegivel. O que notabiliza uma litteratura é o valor mental, a belleza, a harmonia, a cõr



da frase, o som e o perfume do pensamento que a illumina e vitaliza. No Brazil, não ha, actualmente, nesta geração de moços, nenhum que se eleve a cima da mediocridade. São elara, evidentemente inferiores...

Da chronica anodyna para o soneto e do soneto para o conto, narcotizador pela insipidez, elles passam todo o tempo sem nada fazer, sem nada produzir de novo, sem nada crear de grande. Mediocres, ignorantisinhos, petulantissimos, intromettidos com uma alta dose de perfidias e uma incrivei pretenção assombrosa elles se exgottam em questuneulas ridiculas, em pequenas rivalidades, de poeta a poeta, como si o verdadeiro artista, o grande mental que pensa e sente a gestação da grande obra futura,

pudesse se preoccupar com estas miserias ambientes, estas fatalidades transitorias que o pungem e o obrigam a conviver e a contemporizar com a imbeeillidade de circumdante. Tenho a certeza de que, desta geração que está ahi, nada de grande sahirá. Elles passarão, como viveram — anonymamente.

* * *

A sua outra pergunta é mais facil responder. Tenho projectos, sim. Tenho grandes projectos que, talvez, nunca se realizem.

Obras publicadas em volume não tenho nenhuma ainda, nem publicarei nestes eincos annos. Promptos, porém, tenho dois romances da minha primeira serie: *Sol de primavera* e *Vida Heroica* — uma trilogia danunziana cujo terceiro romance terá o titulo de *Victoria-Regia*. Em theatro escrevi uma comedia, que será representada no *Trianon*, denominada o *Moço Bonito*, um drama *O assalto*, e uma tragedia eschyliana *As Yaras*. Mas o meu livro capital, a minha obra será por certo *Victoria-Regia* — Para escreverel a preciso ir a Italia. Pretendo realizar este desejo dentro de dois annos.

* * *

Eis ahi o que lhe poderia dizer, numa rapida *causerie*, numa mesa do *Colombo* tomando o meu *cock-tail* e contemplando as lindas mulheres nas mesas proximas.

V. já teria terminado o seu aperitivo e, pagando o *garçon*, v. que é um homem fino e deve ter compromissos amorosos, um pouco *gené* pela minha tagarelice, que lhe roubava o tempo, aguardaria que eu terminasse para me apertar a mão e despedir se com prazer. E já á rua v. com elegante despreocupação, já pensando na fina dama que o aguardava, diria comsigo:

— Pouca coisa me disse este Gardenia... Apurando bem, de tudo quanto falou resta somente um poueo de maledicencia e de eabotinismo... E, realmente, v. teria razão, meu caro amigo, por que eu e todos os meus amigos litteratos, somos profundamente iniquos em dizer mal um dos outros.

Sempre adm.ºr PAULO DE GARDENIA



O PIRRALHO



FABRICA DE TECIDOS

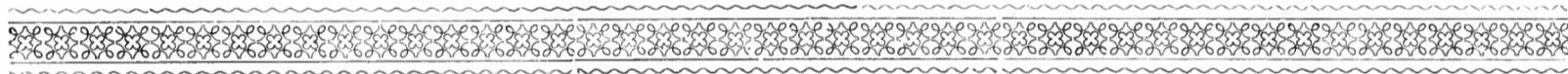
ITALIA,

Toalhas felpudas de 1.^a qualidade

GRANDE FABRICAÇÃO



Rua Frei Caneca, 6 S. PAULO



ENXADAS JACARÉ

MARCA REGISTRADA

Unicos concessionarios no Estado de São Paulo

DEFINE & COMP.

N. 88, Rua Forencio de Abreu N. 88

SÃO PAULO

QUEREM A FELICIDADE?

≡ ≡ ≡ **NADA MAIS FACIL!**

E' em S. PAULO, á Rua S. Bento N. 28 — Caixa Postal, 1062
Agencias em todo o Brazil — Succursal no RIO á Rua Marechal Floriano, 15 — Caixa Postal, 697

ALGANÇA-SE ISTO INSCREVENDO-SE O MAIS BREVE POSSIVEL NA

“CAIXA DOTAL DE S. PAULO”

Approvada e autorizada pelo Decreto N. 10996, do Governo Federal

Esta caixa constitue dotes para Casamentos, Nascimentos e tem uma Secção de Seguros contra Fogo

A tabella para essas séries é:

CASAMENTOS	NASCIMENTO
Serie A — 2:000\$000 Joia . 20\$000 — Contribuição para cada casamento 1\$000 -- Sello e diploma 4\$000.	Serie I -- 2:000\$000 Joia . 20\$000 — Contribuição para cada nascimento 1\$000 — Sello e diploma 4\$100.
Serie B — 5:000\$000 Joia . 50\$000 — Contribuição para cada casamento 2\$500 — Sello e diploma 5\$200.	Serie II — 5:000\$000 Joia . 50\$000 — Contribuição para cada nascimento 2\$500 — Sello e diploma 5\$200.
Serie C — 10:000\$000 Joia . 100\$000 — Contribuição para cada casamento 5\$000 — Sello e diploma 6\$300.	Serie III — 10:000\$000 Joia . 100\$000 — Contribuição para cada nascimento 5\$000 — Sello e diploma 6\$300.
Serie D — 20:000\$000 Joia . 150\$000 — Contribuição para cada casamento 10\$000 — Sello e diploma 7\$400.	
Serie Especial — 50:000\$000 Joia . 500\$000 — Contribuição para cada casamento 30\$000 — Sello e diploma 15\$100.	

A pedido enviamos estatutos e prospectos = **Prodigios do Mutualismo!!**

Fabrica Brazil de Camas de Ferro de PIMENTA DE PADUA & C.^{IA}

Rua Brigadeiro Galvão, 200 — Telephone, 3468 — SÃO PAULO

Completo e variado sortimento de CAMAS DE FERRO de diversos typos, assim como esmaltadas de branco e em côres, para solteiro e para casados e muitos outros artigos.

Temos tambem MEZAS, CADEIRAS DE FERRO e muitos outros artigos concernentes a este ramo, que vendemos pelos preços mais vantajosos da epoca.

“MANTEIGA VIADUCTO”

Fabricada com o maior es-
crupulo e a mais perfeita
pasteurisação, tem conse-
guido a preferencia de
nossa numerosa clientela.



A venda em todas as
casas de molhados.

Deposito Bar Viaducto

LARGO DO PALACIO, 7

Telephone, 50

Companhia Cinematographica Brasileira

SOCIEDADE ANONYMA

Capital realizado Rs. 4.000:000\$000 == Fundo de reserva Rs. 1.080:000\$000

THEATROS

São Paulo { BIJOU THEATRE
BIJOU-SALON
IRIS-THEATRE
RADIUM-CINEMA
CHANTECLER-THEATRE

THEATRO SÃO PAULO
IDEAL CINEMA
THEATRO COLOMBO
COLYSEU DOS CAMPOS ELYSEOS
SMART CINEMA

Rio de Janeiro { CINEMA-PATHE'
CINEMA-ODEON
CINEMA-AVENIDA
THEATRO SÃO PEDRO DE AL-
CANTARA.

Em Nitheroy: EDEN-CINEMA — Bello Horizonte: CINEMA-COMMERCIO — Juiz de Fóra: POLYTHEAMA
Santos: COLYSEU SANTISTA — THEATRO GUARANY

THEATROS

POLYTHEAMA, S. Paulo — THEATRO S. JOSE', S. Paulo — PALACE THEATRE, Rio de Janeiro

Em combinação com diversos Theatros da America do Sul

Importação directa dos Films das mais importantes Fabricas

Nordisk, Ambrosio Itala, Pharos, Bioscop, Selig, Nester, Durks e todos os films de successo editados no mundo Cinematographico
Exclusivamente para todo o BRASIL os films das principaes fabricas do mundo!!! 36 marcas... 70 novidades por semana
Stock de fitas, 6.000.000 de metros. Compras mensaes, 250.000 metros.

Unica depositaria dos celebres Apparelhos PATHÉ FRÈRES. Cinemas KOKS
propios para Salões em casa de Familias.

Alugam-se e fazem-se contractos de fitas

Séde em S. PAULO - Rua Brigadeiro Tobias, 52 - Succursal no RIO: Rua S. José, 112
Agencias em todos os Estados do Brasil

A ECONOMISADORA PAULISTA

CAIXA INTERNACIONAL DE PENSÕES

Caixa A:

Paga-se 2\$500 por mez e tem-se direito a uma pensão mensal vitalicia em dinheiro, ao fim de 15 annos, de 150\$000 (maxima).

Caixa B:

5\$000 por mez durante 10 annos. Pensão em dinheiro de 100\$000 (maxima) ao fim de 10 annos.

É o melhor monte-pio!

DIRECTORIA

Dr. Guilherme Iubião, Gustavo Olyntho de Aquino, Antonio de Araujo, Novaes Junior, J. Her-
culano de Carvalho.

Conselheiros: — Luiz M. Pinto de Queiroz, Derval Junqueira de Aquino, dr. J. Ribeiro de Al-
meida, Francisco Malta, Benedicto Duarte Passos, Francisco Teixeira de Carvalho, dr. J.
Soares Hungria, dr. E. Bacellar.

Acce tam-se Ag-ntes — Peçam hoje prospectos á ECONOMISADORA Palacete da "Providencia"
Rua 15 Nove mbro, ent ada pelo Largo da Sé N. 3 S. PAULO